

“¡Vámonos compañeras!”: a seção *Actividades de la Mujer* e a militância feminina e comunista nas páginas do periódico *El Machete*

Fábio da Silva Sousa
Professor Adjunto de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
fabiosilvasousa@hotmail.com

Introdução

A participação das mulheres no Movimento Comunista ainda é uma lacuna a ser preenchida pelos servidores de *Clio*. Ao investigar a trajetória política de Laura Brandão, esposa de Octávio Brandão, um dos personagens peremptórios da História do Partido Comunista do Brasil (PCB), Maria Helena Bernardes concluiu que a participação feminina no movimento *vermelho* brasileiro esteve escondida em uma capa de “invisibilidade política”.¹

Essa concepção desenvolvida por Bernardes é pertinente para indagarmos – não apenas no caso brasileiro como também de outras realidades sociais e temporais – o lugar que as mulheres ocuparam nas práxis revolucionárias dos movimentos sociais, com destaque, no presente texto, do Comunismo Mexicano.

Se no caso brasileiro encontra-se essa “invisibilidade política”, em uma análise preliminar, o México apresentaria um cenário distinto. Desde a sua fundação em 1919, o Partido Comunista Mexicano (PCM) contou em suas fileiras com uma intensa participação de mulheres. Abaixo, seguem alguns exemplos:

Graciela Amador de Siqueiros, “Gachita”, foi esposa do pintor muralista David Alfaro Siqueiros, do qual se divorciou em 1929, participou da administração do *El Machete*, órgão central do PCM, foi delegada do Partido em 1924, e responsável por um departamento voltado para questões femininas.²

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, ou simplesmente Frida Kahlo – talvez a mais “famosa” de todas – nasceu em Coyoacán, México, no ano de 1907. Kahlo, a pintora mexicana mais conhecida mundialmente, enfrentou, desde a infância, diversos problemas de saúde e somente em sua juventude começou a se dedicar à pintura. Em 1928, conheceu Diego Rivera, filiou-se ao PCM e desvinculou-se do Partido quando da expulsão de Rivera no ano de 1929. Ao lado do muralista, convenceu o presidente Gal. Lázaro Cárdenas a conceder o exílio a León Trotski. Foi amante de Trotski, com quem estabeleceu uma relação até meados de 1939. Assim

como Rivera, Kahlo também pintou referências à ideologia comunista, como no quadro “El Marxismo dará salud a los enfermos”, pintado em seu último ano de vida. Faleceu em julho de 1954, decorrente de uma forte pneumonia.³

Assunta Adelaide Luigia Modotti Mondini, ou Tina Modotti, nasceu em agosto de 1896, em Udine, Itália. Emigrou para os Estados Unidos em 1913 e foi para o México como assistente e amante do fotógrafo Edward Weston em 1922. Em terras astecas, filiou-se ao PCM em 1927. Escreveu e publicou fotos no periódico *El Machete* e esteve envolvida em diversas atividades políticas organizadas pelos comunistas mexicanos. Ao ser expulsa do México, participou de outras organizações internacionais de combate ao nazi-fascismo e participou da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Com a vitória de Franco na Espanha, Modotti regressou ao México em 1939 e morreu três anos depois, ao sofrer um obscuro “ataque cardíaco” quando viajava a bordo de um táxi, na cidade do México. A imprensa mexicana do período afirmou que a morte de Modotti, por envenenamento, teria sido uma queima de arquivo ordenada por Stalin, pois ela “saberia demais”. Todavia, ficaram apenas as suspeitas e conjecturas sobre a verdade de sua morte até a atualidade.⁴

Benita Galeana Lacunza, escritora comunista, nasceu em Guerrero, no ano de 1907. Ingressou ao PCM na adolescência e foi noiva do militante M. Rodríguez. Quando Rodríguez foi expulso do PCM em 1933, acusado de ser trotskista, Galeana terminou o seu relacionamento e continuou no Partido. Envolveu-se com outro comunista, Mario Gill, e em 1940 publicou sua autobiografia na qual criticou os expurgos patrocinados pelo PCM no final da década de 1930. Durante o desfile do 1º de maio de 1952, saltou no carro do então presidente Miguel Alemán, agarrou a sua gravata e exigiu a liberdade de diversos presos comunistas. Visitou a União Soviética no final de 1960 e faleceu na Cidade do México em 17 de abril de 1995. Sua casa transformou-se na *Casa Museo Benita Galeana*, que consiste de um museu sobre sua vida e também sobre a História do Comunismo Mexicano.⁵

Por meio das breves trajetórias biográficas acima, tem-se novamente a sensação de que a “invisibilidade política” feminina presente no Movimento Comunista Brasileiro não ressoou entre os camaradas mexicanos. Contudo, será possível esboçar esse axioma? A partir dessa questão, o presente texto analisará a seção *Actividades de la Mujer*, publicada no periódico comunista mexicano *El Machete*, durante os anos de 1937 até 1938. Outra problemática que será analisada: em um

período no qual a Revolução parecia ser um assunto apenas para homens – com destaque a sociedade mexicana, que se reerguia depois do seu violento processo revolucionário (1910-1920) – será possível afirmar que *Actividades de la Mujer* antecipou o debate sobre a emancipação feminina, a igualdade de gênero e o papel da mulher na Ideologia Comunista?

Actividades de la Mujer: as mulheres na imprensa comunista mexicana

A seção *Actividades de la Mujer* foi publicada no periódico *El Machete* de 1937 até 1938. A primeira seção foi publicada no nº 487, de 08 de agosto de 1937, até o nº 516, de 19 de março de 1938, e somou um total de 22 seções.⁶

A abertura ficou a cargo de Dolores de la Torriente Urdinavia, ou apenas Loló de la Torriente. Escritora, jornalista e poetisa cubana comunista, Torriente atuou com bastante afinco no país caribenho, chegou ao México no ano de 1937 e rapidamente filiou-se às fileiras do PCM. O editorial de estreia da seção, “Del Momento ‘El Machete’ y la Mujer”, ficou sob sua responsabilidade, do qual alguns trechos seguem abaixo:

El Machete comienza una nueva etapa de su vida al servicio de las masas trabajadoras mexicanas. Al aparecer en esta nueva forma, al vocearse por las calles de México, el periódico del Partido Comunista saluda al pueblo mexicano.

El cambio de EL MACHETE no es exclusivamente un cambio técnico; es, principalmente, una nueva modalidad y estructuración que encierra toda una nueva forma de vida. Buena prueba de ello es la presente página que el periódico, con fervoroso empeño, dedica a las actividades de la mujer. Semana a semana, la mujer mexicana tendrá en esta página un lugar donde buscar solución a sus asuntos, un recado desde el cual podrá analizar todos sus problemas y plantear-las soluciones prácticas. Llenar este objetivo es la mayor aspiración de esta página femenina de EL MACHETE.⁷

Torriente iniciou sua escrita com uma saudação ao PCM, e o objetivo da seção, segundo a poetisa cubana, era de conceder um espaço às mulheres mexicanas, fossem elas camponesas, operárias, donas de lar, enfim, capturar todo o mundo feminino do país asteca e colocá-lo nessa coluna. Logicamente, deve-se levar em conta o objetivo propagandístico de uma publicação comunista, ou seja, construir o argumento de que a libertação das mulheres mexicanas estava interligada à ideologia moscovita. O convite foi seguido de uma comparação exaltada com as republicanas

espanholas que, no final da década de 1930, estavam em luta contra as forças falangista da Guerra Civil Espanhola:

La mujer actual, en la España gigante que levantan los heroicos milicianos, ocupa los sitios que le corresponden, no en los lugares de menor peligro sino en aquellos, de la trinchera o de la retaguardia, la fábrica, el hospital, el laboratorio, la tribuna o la escuela – donde su labor resulta más eficiente y necesaria.

Después que la mujer ha pasado por estas pruebas que ciclos históricos los asignaron para vivir, y que plena de responsabilidad, ha sabido cumplirlos, es imposible no sólo negarle capacidad y condiciones, sino que es imperioso contar con ella como factor determinante del designio de la humanidad.⁸

Evidencia-se acima o esforço discursivo de Torriente em transformar o ímpeto das guerrilheiras republicanas espanholas em um exemplo a ser seguido pelas mulheres mexicanas. Ao lado do editorial, foi publicada uma pequena matéria, anônima e com fotos, sobre as aviadoras soviéticas. Com o título “Mujeres Aviatrices de la Unión Soviética Establecen Nuevo Récord de Altura”, a pequena coluna informou que Irene Vishnevskaya e Katya Mednikova estabeleceram um novo recorde ao alcançar, com um avião de 150 cavalos, a altura de 21.384 pés.⁹ Por fim, tem-se o exemplos de dois modelos de conduta que as mulheres do México deveriam seguir: as soviéticas e as espanholas.

A propaganda política na qual a mulher soviética era mais bela e culta que a mexicana em decorrência de sua vivência em uma sociedade comunista e igualitária surtiu efeito. Como exemplo, encontra-se a carta de uma professora de Veracruz, publicada na coluna “DE MUJER A MUJER”, de 04 de setembro de 1937:

UNA PROFESORA, Veracruz. Ver. – Ciertamente, la constitución soviética en su artículo No. 122 declara: “La mujer goza en la U.R.S.S. de derechos iguales a los del hombre en todos los dominios de la vida económica pública, cultural, social y política. Las posibilidad del ejercicio de estos derechos está asegurada por la concesión a la mujer de derechos iguales a los del hombre: el trabajo, la remuneración de éste, el descanso, los seguros sociales y la instrucción; por la protección por el Estado de los intereses de la madre y del niño, por permiso del caso de embarazo, por el mantenimiento de los salarios concedidos a la mujer y por una vasta red de casas de maternidad, pabellones y jardines de infancia.¹⁰

Salta aos olhos o excessivo elogio que a professora de Veracruz escreveu sobre a condição da mulher na União Soviética e denota-se como a mesma conhecia a constituição do “País do Socialismo”. Pode-se inferir o esforço dos soviéticos

moscovitas em propagandear as “benesses” da sua revolução por todo o globo. Outro exemplo dessa propaganda soviética encontra-se em um pequeno artigo, seguido de uma foto, publicado no nº 506, de 08 de janeiro de 1938, sob o título “La Mujer en la URSS”:

El artículo 120 de la nueva Constitución de la URSS, dice: “Los ciudadanos de la URSS, tienen derecho al sostenimiento en la vejez”. La fotografía que hoy publicamos nos demuestra cómo se lleva a cabo y cumple este artículo. Los ciudadanos que tienen con esta viejecita que vive en la casa hogar para ancianos Radischev en Moscú, se le dan a muchos otros ancianos en la misma institución, y esta labor se desarrolla en todo el país adonde se han establecido numerosas instituciones similares, tanto en las ciudades, como en el campo.¹¹

Abaixo, segue a foto da idosa referenciada acima, ao receber os cuidados na “casa hogar para ancianos Radischev” em Moscou, e que ilustrou a pequena matéria:

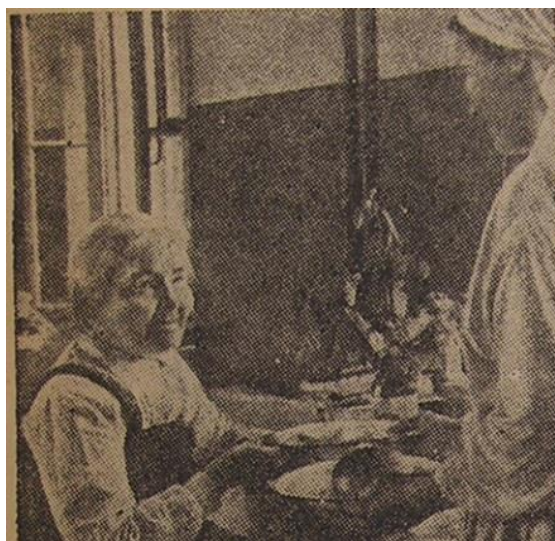


Imagem 01: *El Machete*, nº 506. 08/01/1938, p. 08
Fonte: Centro de Estudios del Movimiento Obrero y Socialista/CEMOS (México)

Tanto para a professora veracruzana como para outras autoras, a União Soviética representava um verdadeiro paraíso socialista em meio ao inferno capitalista. Ao publicarem essas matérias, Torriente e outras responsáveis pela seção *Actividades de la Mujer* tinham como objetivo não apenas elogiar o país governado por Stalin, como também mostrar ao Gal. Cárdenas um exemplo de sociedade que deveria ser seguido. Em suma, o México deveria “imitar” os direitos igualitários propagandeados pelo país da Revolução Soviética de 1917.

A seção foi confeccionada com uma variedade de colunas. Além dos editoriais de Torriente que foram publicados em “Del momento...”, das publicações de cartas, depoimentos, biografias, entre outros, encontra-se uma “Sección Bibliográfica”. Essa coluna tinha como objetivo apresentar resenhas de livros e indicar leituras para as leitoras de *Actividades de la Mujer*. Logicamente não serão listados aqui todos os livros que foram resenhados. Todavia, um em especial merece destaque: “A Tragédia Biológica da Mulher”, de A. W. Nemilov.

Cientista e professor do Instituto Científico de Leningrado, A. W. Nemilov defendeu, a partir de uma análise que vai ao encontro do Darwinismo Social, que em uma sociedade capitalista as mulheres não conseguiriam se desenvolver biologicamente. O que certamente – e novamente deve-se entrar no universo da propaganda comunista soviética – não ocorreria no “País do Socialismo”:

Os princípios revolucionários tropeçam com o fato de que existe uma desigualdade na situação biológica. Quando na Rússia tínhamos que defender os direitos mais elementares da mulher, não podia falar-se de tal desigualdade, porque os obscurantistas, que queriam manter a mulher na eterna escravidão, tinham aproveitado essa afirmação; mas agora, que se conseguiu a igualdade social e jurídica dos sexos, já não é possível um retrocesso.¹²

Na resenha anônima, foi afirmado que a leitura da “Tragédia Biológica da Mulher” seria útil tanto para a mulher quanto para o homem mexicano. No caso do segundo, foi assegurado que a compreensão desse livro abrisse a mente do mesmo, que muitas vezes, e por ignorância, considerava a mulher como inferior.

Outro fato curioso antes de fechar essa questão. Segundo uma passagem da biografia de Lira Neto, Getúlio Vargas, nos primórdios do Estado Novo, em 1937, teria entrado no quarto da sua filha Alzira e encontrado, numa pilha de livros, um exemplar da “Tragédia Biológica da Mulher”. O pai dos pobres e mãe dos ricos teria pegado o livro e lido a seguinte passagem: “Na Rússia Comunista, combatemos categoricamente a teoria da inferioridade da mulher”. Segundo o relato, Alzira havia entrado nesse momento, Vargas olhado em seus olhos, estupefato e ao mesmo tempo curioso, e teria lhe perguntado: “Você acha que anda lendo o que deve?”¹³ Independentemente da veracidade ou não dessa passagem, o essencial está no fato de que esse livro circulou no México entre os círculos comunistas e no Brasil. Se a filha de Vargas leu o estudo propagandístico de Nemilov, poder-se-ia conjecturar a

mesma circulação dessa obra entre os comunistas brasileiros? Pela falta de dados, fica apenas a indagação.

A Revolução de 1910, um tema essencial e sagrado quando se trata do México no século XX, não esteve fora dessa seção. Dentre as matérias localizadas acerca da temática posta, destaca-se: “La Mujer y la Revolución Mexicana”, publicada no nº 499, de 20 de novembro de 1937, no 27º aniversário do processo revolucionário mexicano. Na verdade, essa matéria trata de trechos de uma conferência da Dra. Mathilde Rodríguez Cabo, realizada em setembro de 1937, no “círculo de abogados socialistas”. Abaixo, seguem alguns trechos:

Algunos revolucionarios de los de 1910 al ser interrogados expresamente sobre la actuación de las mujeres en nuestro movimiento social han contestado: “Más valientes que nosotros, más decididas, más abnegadas, con un espíritu de sacrificio más amplio, las mujeres revolucionarias fueron siempre valiosísimas auxiliares nuestro”, dice el Dr. General Antonio Villareal, revolucionario de los de “entonces”, pero revolucionario sincero y honrado. Y se conmueve al recordar las épocas aciagas de la dictadura porfirista y saliendo de su habitual serenidad narra entusiasmados episodios, en los que, aunque parezca, paradoja, las mujeres dieron ejemplo de virilidad y arrojo a los hombre. Sufriendo las mismas persecuciones que ellos, en las cárceles, en el destierro, nunca desmayaron y hubo regiones de la República donde las verdaderas iniciadoras de la labor sediciosa que había de culminar en el derrocamiento del dictador, fueron las mujeres”.

[...]

“Por lo que toca a los derechos políticos, después de VEINTE AÑOS todavía no se han puesto de acuerdo los señores abogados sobre si procede o no la reforma de Nuestra Carta Magna para dar a la mujer la facultad de votar y ser votada”.¹⁴

A Dra. Rodríguez Cabo apresentou um quadro das *soldaderas*, as mulheres que acompanharam os homens no período armado da Revolução Mexicana, a partir do relato do Gal. Antonio Villareal. Salta aos olhos como que para o general, a virtude das *soldaderas* foi de terem exibido uma virilidade e uma violência revolucionárias que deveriam servir de exemplo para os homens. Ou seja, o mérito delas foi de terem exercido uma masculinidade maior que a dos próprios homens revolucionários.

Outra problemática apontada pela advogada foi a discussão de uma questão pendente neste ano de 1937 na sociedade mexicana: o sufrágio feminino.

Impulsionadas pelas políticas progressistas do Gal. Cárdenas, que tornou o período do Maximato uma etapa da História Mexicana a ser esquecida, o movimento sufragista feminino criou forças nesse período (1934-1940) e fundou o grupo “sufragio efectivo y no reelección”.

Iniciou-se uma intensa campanha na seção *Actividades de la Mujer* com a publicação de diversas matérias sobre a defesa do voto igualitário. Mulheres e homens intelectuais também opinaram sobre essa temática, e as leitoras igualmente apresentaram o seu parecer favorável para que a mulher mexicana tivesse a oportunidade de exercer a sua cidadania eleitoral. No nº 502 de 11 de dezembro de 1937 foi publicado integralmente um documento reivindicatório sobre a defesa do voto feminino que havia sido enviado para o poder executivo mexicano.

O referido documento, destinado ao Gal. Cárdenas, defendeu a igualdade do homem e da mulher mexicana, cuja petição ia ao encontro das demandas do governo cardenista. Abaixo, segue um trecho interessante desse documento:

Que la nueva organización de la familia sobre bases de mayor igualdad y la tendencia a suprimir todo injusto privilegio, han proporcionado a la mujer mayores oportunidades de trabajo, de cultura y de responsabilidad doméstica y ciudadana:

Que reconocida por ello la plena capacidad civil, económica y educativa de la mujer, no se justifica el mantenimiento de su incapacidad política, ya que directa o indirectamente, en el hogar como colaboradora de su esposo o bien a través de sus compañeros de trabajo, contribuye a la formación de la opinión pública y es fuente de orientación de todo gobierno democrático y de cooperación en las relaciones de gobernados y gobernantes:

Que las conquistas sociales obtenidas en la ejecución del programa revolucionario han cercado intereses cuya legitimidad es indiscutible y formado arraigada opinión en la conciencia pública, particularmente en las masas trabajadoras, y que no existe, por tanto, el peligro de que la acción de la mujer campesina, obrera o empleada, se extravíe debido a la influencia de las ideas conservadores.¹⁵

No excerto acima, encontra-se a quebra de um discurso de inferioridade e, em contraponto, a construção de um igualitarismo, que está além da temática de gênero. Nesse período, a matriz de discussão do Movimento Comunista, tanto nos países do *velho* quanto do *novo* mundo, foi a ideologia política de Moscou. Deve-se ter em mente – e essa questão foi debatida na Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos realizada em 1929, na Cidade de Buenos Aires, Argentina – que no prisma do pensamento comunista soviético desse período, tanto as questões de gênero, de identidades, quanto as raciais, foram postas de lado para dar espaço à divisão entre classes sociais.

A questão social classista esteve acima das divisões apontadas no parágrafo acima a tal ponto que a defesa do voto feminino estava alicerçada no argumento de

que a mulher mexicana camponesa, operária e empregada, assim como o homem, estaria blindada de ser infectada por “ideias conservadoras ou burguesas”.

Apesar da intensa campanha, dentro e fora das páginas do *El Machete* e da seção *Actividades de la Mujer*, somada às palavras de união e de apoio às mulheres que o Gal. Cárdenas continuamente publicou e recitou em seus manifestos, o sufrágio feminino só se tornou uma realidade no México no ano de 1953.¹⁶

A publicação de trajetórias de mulheres ímpares foi uma constante na seção. Além da apresentação das *soldaderas*, como já citado, também foram publicadas as biografias de Josefa Ortiz de Dominguez e Leona Vicario, mulheres que participaram das Guerras de Independência do México no século XIX, na edição especial de nº 492 de 16 de setembro de 1937.¹⁷

Todavia, essas trajetórias não ficaram centralizadas apenas nas mexicanas. Pode-se argumentar que *Actividades de la Mujer* criou um radar que objetivou localizar e divulgar a participação feminina em movimentos revolucionários de todas as partes do globo. Como exemplo, tem-se a mulher comunista chinesa, que foi apresentada para as leitoras do país asteca no nº 512, de 19 de fevereiro de 1938:



**Imagem 02: *El Machete*, nº 512. 19/02/1938, p. 07
Fonte: CEMOS**

Nos últimos números em que a seção *Actividades de la Mujer* foi publicada nas páginas do *El Machete*, no ano de 1938, foi realizada uma campanha para o dia oito de março com o objetivo de articular uma “comemoração” revolucionária para a referida data:

Las grandes realizaciones cuentan en el haber de la mujer mexicana este 8 de Marzo: el derecho de voto y su incorporación en el nuevo Partido Popular en formación. Dos grandes realizaciones que deben llenarnos de esperanza y prender en nosotros un entusiasmo militante en nuestra marcha hacia el porvenir.

[...]

UNIDAD! Bajo este signo debemos celebrar el Día Internacional de la Mujer en México. Porque sólo la UNIDAD que es resultado de la conjunción de todos los anhelos en un ideal común, con desprecio de cualesquiera diferencias mezquinas no podrá darnos la fuerza primero, para hacer realidad todo lo ganado hasta ahora, y después, para luchar por tantas cosas a que tenemos derecho todavía.

[...]

Hemos logrado algo, sí. La Revolución que nosotras hemos ayudado a salvar con nuestra sangre, comienza a pagar su deuda para con la mujer mexicana. Para salvar totalmente esta Revolución, amenazada hoy por las fuerzas que nos han mantenido esclavos; para hacernos oír, para conquistar definitivamente todos nuestros derechos y ser libres y dueñas y señoras de nuestro porvenir.

UNAMONOS, mujeres de México! Un solo bloque femenino unido a su vez a los otros sectores del pueblo de México dentro del nuevo Partido Popular!

Y unámonos también este Día Internacional de la Mujer con las otras mujeres del mundo que luchan y sufren y mueren, como en España y China; y a las mujeres liberadas de la Unión Soviética, por un Mundo mejor!¹⁸

Apesar de todas as chamadas e propaganda, tanto *Actividades de la Mujer* quanto o *El Machete* não publicaram nenhuma matéria sobre o oito de março de 1938 no número posterior ao dia mencionado, edição 515, de 12 de março de 1938. A única referência localizada foi apenas uma página comemorativa, com a foto da intelectual marxista alemã Clara Zetkin, que ainda “concorreu” com o aniversário de morte de Karl Marx. Uma breve cobertura dessa data foi publicada no nº 516, de 19 de março de 1938, “8 de Marzo em la Capital” e “8 de Marzo en los Estados”. Essa foi a última publicação de *Actividades de la Mujer* nas páginas do *El Machete*.

Considerações parciais

O fim da seção *Actividades de la Mujer* configurou-se um mistério editorial. Após a página publicada no nº 516, referenciada acima, a seção feminina

simplesmente sumiu do órgão central do PCM e não foi exposta nenhuma explicação para o público leitor da sua descontinuidade. Coincidentemente, após o fim da seção *Actividades*, uma nova seção foi inaugurada no *El Machete: Página Campesina*, voltada para os problemas agrários da sociedade mexicana cardenista.

Algumas questões que iniciaram o presente texto devem ser retomadas para uma possível conclusão do conteúdo apresentado:

1) As mulheres mexicanas tiveram uma atuação mais expressiva no movimento comunista do país asteca?

Pode-se esboçar uma resposta afirmativa, quando comparada com outras realidades, principalmente com o Brasil. Novamente, desde a sua fundação em 1919, o PCM contou com a participação de mulheres em suas fileiras, tanto mexicanas quanto estrangeiras. A publicação de uma seção destinada apenas ao público feminino comunista em um período no qual a questão de gênero e o movimento feminista ainda não existiam, configura-se como um dado que não deve ser menosprezado. Contudo, muito menos supervalorizado. O alcance feminino na sociedade mexicana e no Movimento Comunista ficou centralizado mais no discurso do que na realidade. Nenhuma mulher chegou a exercer um cargo expressivo no PCM e demorou décadas para que as suas reivindicações fossem atendidas (vide o caso do sufrágio feminino). Pode-se perceber que o fim da seção *Actividades de la Mujer*, sem nenhuma explicação, é um dado comprovador de que, apesar da participação feminina, o Movimento Comunista Mexicano não foi totalmente eficaz em colocar em prática os desafios que foram apresentados em palavras.

2) Será possível afirmar que *Actividades de la Mujer* antecipou o debate sobre a emancipação feminina, a igualdade de gênero e o papel da mulher no processo revolucionário comunista?

Essa questão apresenta um desafio em sua elucidação. Como já citado, a igualdade das mulheres propagandeada na seção feminina do *El Machete* foi construída a partir da ideia de que as mulheres do México deveriam exercer os mesmos direitos que os homens. Não foi localizada nenhuma referência à questão de gênero, e a emancipação das mulheres ficou bastante centralizada na questão do sufrágio feminino. O papel das mulheres no processo revolucionário comunista foi conceituado a partir da problemática das classes sociais. Nas entrelinhas, evidenciou-se que o homem estava em um degrau social superior à mulher e que esta deveria

escalar para chegar àquela altura. Ou seja, a emancipação da mulher era ser igual e ter os mesmos direitos que o homem. O discurso revolucionário e metódico comunista foi bastante forte em criar essa ideia de que não existia uma diferença de gênero; a única divisão que deveria ser combatida era a de classes. Os exemplos exaltados na referida seção seguem a mesma lógica. Tanto as mulheres espanholas quanto as chinesas e soviéticas tornaram-se um exemplo, pois eram revolucionárias. E para as editoras de *Actividades de la Mujer*, a mulher mexicana também deveria tornar-se uma revolucionária. Não à toa, as *soldaderas* e as mulheres que lutaram nas Guerras de Independência se tornaram um exemplo local a ser seguido, pois, novamente, eram mulheres que empunharam armas e lutaram lado a lado com os homens com o objetivo de mudar o *status quo* social. No caso das *soldaderas*, algumas lutaram com mais ferocidade que alguns revolucionários.

Por fim, se as mulheres no Movimento Comunista Brasileiro, nas décadas de 1920 e 1930, estavam dentro de uma “invisibilidade política”, as mexicanas tiveram o seu papel, contudo, dentro de uma “visibilidade política opaca”.

Em todo caso, *Actividade de la Mujer* apresentou diversas temáticas da relação das mulheres com a sociedade mexicana e com o Movimento Comunista. Algumas foram apresentadas no presente texto e outras foram deixadas de lado. Todavia, deve-se levar em consideração que a participação das mulheres na construção do Comunismo Mexicano ainda é uma temática que apresenta lacunas a serem preenchidas, e que esse é um universo rico, com diversas temáticas e personagens que a História deve encontrar. Afinal, o Movimento Feminino Comunista Mexicano vai além de Frida Kahlo.

¹ Cf. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: A invisibilidade feminina na política*. Campinas: CMU/UNICAMP, 2007.

² JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor; HUBER, Peter W. *La Internacional Comunista y América Latina, 1919-1943*. Diccionario Biográfico. Moscú/Ginebra: Instituto de Latinoamérica de la Academia de las Ciencias/Institut pour l’histoire du communisme, 2004, p. 36.

³ Cf. HERRERA, Hayden. *Frida: a biografia*. São Paulo: Globo, 2011.

⁴ JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor; HUBER, Peter W., 2004, p. 220.

⁵ PABLO HAMMEKEN, Óscar de. *La Rojería (Parte I)*. Diccionario biográfico de la izquierda socialista mexicana. In: *Memoria*. México/DF: CEMOS, mayo 2010, nº 242, p. 33.

⁶ Não será traçada uma trajetória do periódico *El Machete*, pois o mesmo se distanciaria dos objetivos do presente texto. Todavia, aos interessados e às interessadas em mais detalhes acerca do órgão central do PCM, indica-se: SOUSA, Fábio da Silva. *DOS E PARA OS OPERÁRIOS: Questões metodológicas de pesquisa em jornais comunistas (El Machete e A Classe Operária)*. In: *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 6-2: 49-67, 2012.

⁷ El Machete. Del Momento 'El Machete' y la Mujer, n° 487. 08/08/1937, p. 10.

⁸ Ibidem, p.10.

⁹ El Machete. Mujeres Aviatrices de la Unión Soviética Establecen Nuevo Récord de Altura, n° 487. 08/08/1937, p. 10.

¹⁰ El Machete. DE MUJER A MUJER, n° 491. 04/09/1937, p. 04.

¹¹ El Machete. La Mujer en la URSS, n° 506, 08/01/1938, p. 08.

¹² NEMILOW, A. W. *A Tragédia Biológica da Mulher*. Lisboa: Guimarães Editores, s. d., p. 51.

¹³ NETO, Lira. *GETÚLIO. 1930-1945: Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 155.

¹⁴ El Machete. LA MUJER Y LA REVOLUCIÓN MEXICANA, n° 499. 20/11/1937, p. 23.

¹⁵ El Machete. EL PRESIDENTE Y EL VOTO FEMENINO, n° 502. 11/12/1937, p. 07.

¹⁶ Para mais detalhes acerca dessa questão, consultar: LAU JAIVEN, Ana; ZÚNIGA ELIZALDE, María Mercedes (Coords.). *El sufragio femenino en México. Voto en los estados (1917-1965)*. Hermosillo: El Colegio de Sonora, 2013.

¹⁷ El Machete. LAS HEROINAS DE LA INDEPENDENCIA. Sublimos actos de Obnegación, n° 492. 16/09/1937, p. 08 e 20.

¹⁸ El Machete. 8 de Marzo de 1938, n° 512. 26/02/1938, p. 07.